

## SUZANNET, CONDE DE

No prefácio ao livro em que relata suas viagens pelo Cáucaso e pelo Brasil, Suzannet dá as razões pelas quais decidiu viajar. Após a queda dos Bourbons com a revolução de julho de 1830, sua família caíra no ostracismo e a vida em França lhe pareceu tediosa e sem perspectiva. Não tardou em se aborrecer e deixou o país para “completar sua educação”, visitando países estrangeiros.

Viajou durante seis anos pelo Oriente Próximo e pela América. Difícil dizer até que ponto essas viagens contribuíram para completar sua educação. Não resta dúvida, porém, que elas o puseram em contacto com um mundo completamente diferente daquele em que até então vivera. Diferente em todos os aspectos: social, cultural e político. Mundo que ele nem sempre pôde ou quis compreender. Daí, uma certa acrimônia em seus escritos, dando a impressão, às vezes, de má vontade para com tudo quanto fosse nosso, mas, ao mesmo tempo, com a curiosidade aguçada para uma quantidade de fatos ou problemas de que participava ou de que tomava conhecimento.

De tudo quanto escreveu e que foi publicando, aos poucos, em revistas de Paris, julgou que só os relatos relativos ao Cáucaso e o Brasil mereciam figuras em livro. Daí, o volume que publicou em 1846, extenso de quase quinhentas páginas, com os seus “souvenirs du voyages”. Apenas a parte sobre o Brasil mereceu tradução, como adiante se registrará.

Ao contrário da maior parte dos viajantes estrangeiros que nos visitaram e aos quais animava sempre um objetivo cultural ou comercial, Suzannet não teve outro objetivo senão a curiosidade. E mostrou-se, de fato, bastante curioso. Viajou por quase um ano pelo Brasil, numa viagem audaciosa para a época: foi do Rio para Ouro Preto e dali alcançou as

margens de Jequitinhonha; por este rio saíu no litoral baiano e daí, por mar, foi a Salvador, Recife, São Luís e Belém do Pará, de onde regressou para a França.

Procurou informar-se de tudo, demonstrando especial interesse pela mineração. Em Minas, nos dá uma extensa descrição da revolução liberal que eclodira na província em 1842 e o mesmo fez, quando na Bahia, sobre a chamada “Sabinada”. As descrições que nos dá do Distrito Diamantino são ricas em pormenores, a mostrar o viajante realmente interessado pelo país. E alguns trechos de sua viagem, como pelo rio Jequitinhonha, revestem-se do caráter de verdadeira proeza.

Os seus juízos – diz Austregésilo de Athayde no prefácio à edição brasileira,

*“não nos foram lisonjeiros, como verá o leitor, mas certas características do temperamento do povo, o senso da boa hospitalidade, o desejo de ser útil, a benignidade do temperamento são freqüentemente postos em relevo... Os estudiosos da sociedade brasileira no século passado encontrarão neste livro muita matéria de interesse para as suas investigações”.*

E o próprio autor remata o livro com uma verrina, na qual, com efeito, encerra-se muita verdade, e dela transcrevemos alguns trechos:

*“Ao exprimir com tanta franqueza e imparcialidade minha opinião sobre a situação atual do Brasil, procurei basear o meu julgamento sobre fatos. Fui acolhido com boa vontade e hospitalidade pelos brasileiros, e gostaria de poder compartilhar das suas ilusões; em toda parte só encontrei miséria e anarquia; os mais ricos distritos, despovoados e improdutivos; a agricultura e a indústria dando os primeiros passos; os atentados mais revoltantes sendo cometidos contra indivíduos; a forma exterior de*

*um governo avançado e todos os abusos e desordens de uma autoridade ignorante e venal. No entanto, o Brasil tem um clima admirável; não há epidemias que dizimem as populações; a abundância e a fertilidade do solo, criando o bem-estar, deviam assegurar a ordem e a tranqüilidade (...) Há muitos obstáculos a vencer, muitos embaraços a combater e muitos preconceitos a dissipar até que o Brasil possa utilizar os seus imensos recursos. Um governo forte, apoiado em alguns homens instruídos e esclarecidos sairia desta situação tão perigosa; mas até hoje faltou à administração uma direção capaz. O Imperador é jovem, sem energia e sem capacidade; os ministros são políticos que vêem o perigo sem procurar evitá-lo, e são pouco indicados para nos tranqüilizar quanto aos destinos do Brasil. Quando se operar uma mudança nos princípios seguidos até agora, e o governo, em vez de se deixar levar por sucetibilidades mesquinhas, abrir novos caminhos à indústria e ao comércio, construindo estradas que facilitem o transporte das mercadorias, nesse dia aplaudiremos esses esforços. Se a situação moral do povo nos inspira temor, ela é motivada pela anarquia e miséria das quais vimos o triste espetáculo. O Brasil reúne tantos elementos de riqueza que, apesar de todos os vícios da população, o bem-estar e a prosperidade serão a consequência forçada de um governo regular: por isso desejamos ardentemente que tal governo consiga estabelecer-se."*

Como já indicamos, a tradução do livro de Suzannet compreende apenas a parte referente ao Brasil. A tradutora deu como título **O Brasil em 1845**, e tendo feito a tradução pouco mais de um século após a edição

original, deu-lhe como subtítulo “Semelhanças e diferenças após um século”, expressão de valor apenas promocional, do ponto-de-vista da editora, uma vez que no livro não há (e nem poderia haver) qualquer referência às “semelhanças e diferenças”. Isto correrá, naturalmente, por conta do leitor. Mas, obviamente, isto em nada prejudica a edição, aliás com tradução fiel e muito bem escrita, no testemunho do próprio prefaciador.

É estranho que o nome de Suzannet não figure em nenhuma das enciclopédias francesas, nas quais figura apenas o de seu pai, de igual título, falecido em 1815. Figura, todavia, nos catálogos bibliográficos brasileiros: Garraux, Alfredo de Carvalho, Raeders, Rubens Borba de Moraes e Paulo Berger. Este remete o leitor a L. de Chavagnes, mas sem qualquer explicação, e no respectivo verbete registra que os capítulos sobre o Brasil foram publicados originalmente na “*Révue de Deux Mondes*”, em 1844. Idêntica referência encontramos em Moema Parente Augel, que registra o título da publicação da “*Révue*”. Aliás, a professora Moema, citando várias vezes o livro de Suzannet a propósito de suas impressões sobre a Bahia, levanta uma suspeita curiosa: “Há razões para crer que Suzannet seria mais um pseudônimo de Charles Expilly” e invoca a circunstância do nome do Conde não constar de nenhuma das bibliografias francesas. Todavia, em nenhum outro local encontramos qualquer referências que abone a suspeita da autora. Registre-se que nenhuma das bibliografias nos informa as datas balizas da existência de Suzannet.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Edições originais:** *Le Brésil en 1844. Situation morale, politique, commerciale et financière. Intérieur du pays, villes maritimes, avenir politique.* “*Révue des Deux Mondes*”, v. XIV, t. 7: 66-106. Paris, juillet 1844.

**Souvenirs de voyage: les provinces du Caucase; l’Empire du Brésil.** Paris, G.A. Dentu, 1846. iv+462p.

**Ed. bras.: O Brasil em 1845: semelhanças e diferenças após um século.** Trad. de Márcia de Moura Castro; pref. de Austregésilo de Athayde. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil (1957). 254p.